

Uma cidade mapeada pelo aprendizado de música

Talento e falta de ocrpação são alguns dos motivos que fazem encher as escolas

Ao lado do Jazz, a Bossa Nova e a MPB são os estilos considerados atualmente na música universal como os mais ricos em termos de harmonia. Isto significa que não apenas os ritmos brasileiros exercem atração sobre americanos e europeus como também nossas concepções harmônicas. Paralela a esta riqueza, permanece ainda no País a tradição cultural de falta de acesso à leitura musical. Isto, em função de o nosso processo de colonização ter reservado o estudo da música apenas para os filhos da nobreza. A Escola de Música de Brasília, cujas vagas são disputadíssimas, procura reverter este quadro histórico: atende uma média de dois mil e cem alunos, provenientes do Plano Piloto, satélites e Entorno (Valparaíso e Luziânia), assim como filhos do corpo diplomático. Além deste espaço da Fundação Educacional do DF, a cidade está repleta de escolas particulares de música, de variadas dimensões e qualidade, o que não significa, contudo, que o estudo da música seja compreendido, em sua totalidade.

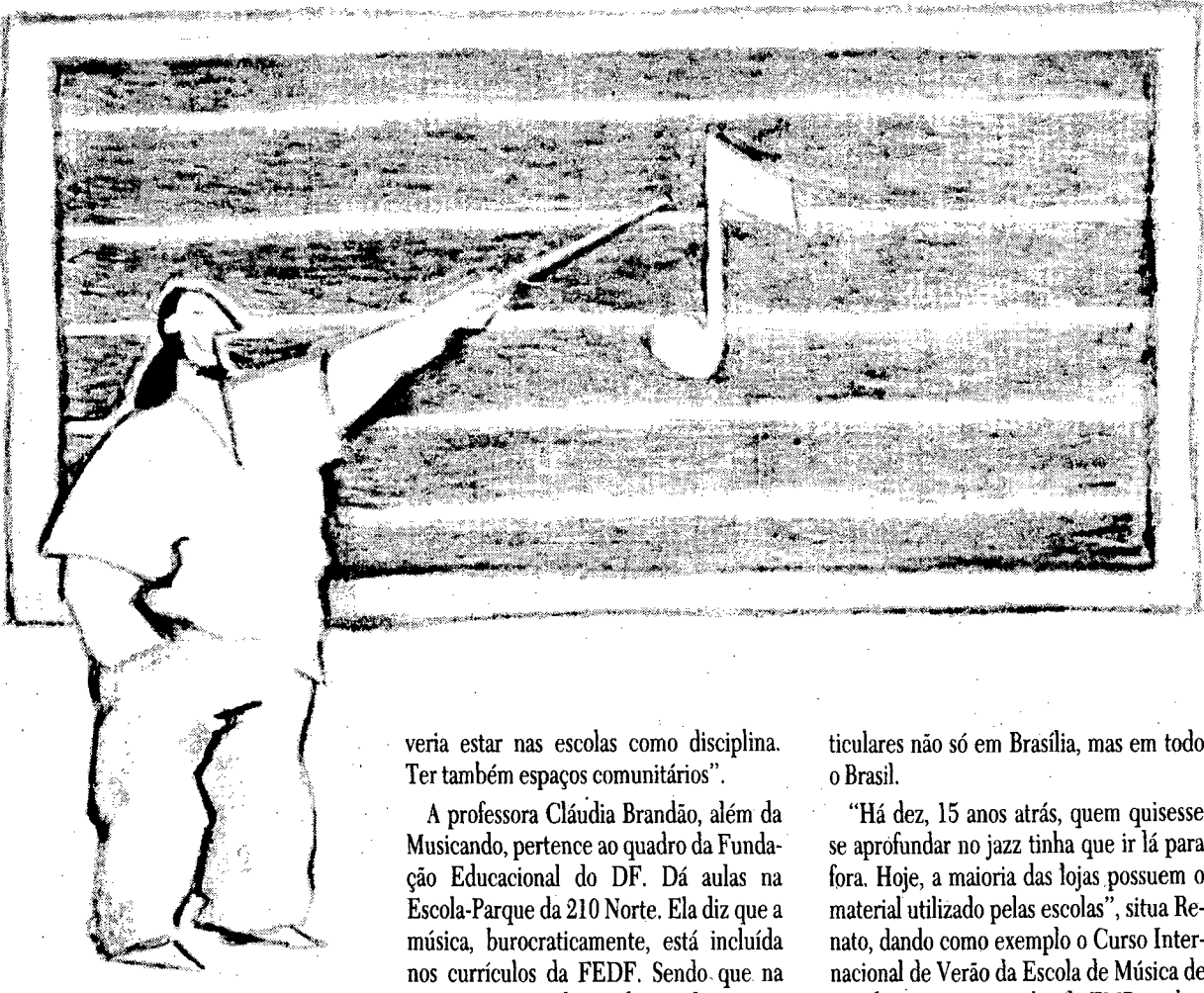
O professor Vitor José de Castro, há quatro anos dirigindo a Escola de Música de Brasília, diz que há pais que fazem da EMB uma creche. De uma mãe de aluno, que conversava com outra na cantina da EMB ele chegou a ouvir: "A Escola de Música é a creche mais barata de Brasília". Ou seja, a taxa mensal cobrada é de dez por cento do salário mínimo. Além da função de creche atribuída também à aulas de "karatê, inglês, coreano", por alguns pais que obrigam os filhos a frequentarem a EMB, o professor detecta muitos casos de alunos que são o "carro-chefe", que por vocação exigem da família o seu ingresso na escola.

Frustração — Os piores casos, segundo o professor, são os de resgate de frustrações nos filhos. "As vezes os filhos são gênios, mas não para a música. Caso a criança não demonstre aptidão musical, não implica que ela seja pouco inteligente", explica. "Precisamos de Beethovens, mas também de Einsteins. O potencial da criança pode estar em outra área: ginástica, História, Matemática e assim por diante".

As imposições familiares costumam estar restritas às crianças. Porém, alguns adolescentes padecem com o mesmo tipo de pressão. O baterista Carlos Elias Bichara Júnior, 27 anos, proprietário da Drummer, loja de instrumentos musicais, que até o ano passado possuía a Academia Drummer, escola onde deu aulas durante quatro anos, divide seus ex-alunos em dois perfis: "Aqueles que realmente querem ser músicos, e aqueles que a mãe coloca para aprender bateria por diversos motivos, desde ocupar o tempo do filho, para que ele não fique na rua, até mesmo por indicação médica, como fisioterapia, já que a percussão desenvolve o raciocínio e a coordenação motora". Seus alunos mais jovens tinham aproximadamente 14 anos.

Carlos Elias gosta de dar aulas, ainda que no momento não se dedique a elas. Mas é enfático ao dizer que só sente prazer quando o aluno é interessado e está aprendendo. Caso contrário, o aluno desgasta, em vão, a ele mesmo e ao professor. "Se em dois meses eu percebesse que um aluno não tinha chance, era sincero com sua mãe".

Má formação — Além dos cursos regulares que mantém, a escola Musicando, de propriedade da flautista Cláudia Brandão, 26 anos — formada também em Educação Artística e Educação Musical —, deu início, na semana passada, ao Curso Preparatório de Musicalização para Professores. Curso voltado para professores de pré-escola, Educação Artística, normalistas, recreadores, dinamizadores e professores de música. "Este curso é inédito em Brasília. Só vi algo semelhante em São Paulo", garante a professora, que o idealizou, a partir de um método próprio.



dante da constatação da "má formação dos professores que trabalham com crianças na área de música nas escolas".

Ela observa que a maioria não tem a mínima noção da música. Usa a linguagem musical sem saber como utilizá-la, o que considera prejudicial às crianças. "Isto pode gerar trauma, rejeição da música pela criança, sendo que todas elas têm aptidão musical, ou, melhor dizendo, uma musicalidade interior, que uma vez despertada gera um indivíduo mais criativo, organizado, independente de sua vocação".

A cantora e professora Célia Porto, 25 anos, é sócia da escola Alquimia (música e línguas), juntamente com os violonistas Roberto Ricardo e Robson Rodrigues, e a cantora, professora de inglês e português Inara Veras, todos com a mesma idade. Com uma clientela grande, Célia Porto diz que as pessoas ainda vêem a música como distração, diversão. "A seriedade pelo seu estudo só aparece quando o aluno percebe que tem vocação". Lá também são comuns os alunos matriculados para compensar desejos não realizados de seus pais. Mas, como a maioria dos alunos da escola é adolescente, eles chegam aos cursos por interesse próprio.

Potenciais — "Procuro passar aos alunos, sempre de forma dinâmica, que a música possui uma função social, que não é mera diversão", diz Célia, assinalando perceber potenciais entre seus alunos. Para ela, esses potenciais deveriam ser melhor explorados, deveriam ser objeto de mais crédito por parte, por exemplo, da Fundação Cultural do DF. "A música de-

veria estar nas escolas como disciplina. Ter também espaços comunitários".

A professora Cláudia Brandão, além da Musicando, pertence ao quadro da Fundação Educacional do DF. Dá aulas na Escola-Parque da 210 Norte. Ela diz que a música, burocraticamente, está incluída nos currículos da FEDF. Sendo que na prática, poucos alunos da Fundação têm acesso à disciplina. Ela questiona, ainda, a facilidade com que alguém abre uma escola de música. "Não tive necessidade de apresentar nenhum de meus diplomas no Ministério da Educação quando fui registrar a Musicando".

O piano, o violão e o órgão são os instrumentos mais procurados nas escolas de música. A Somus, escola mantida por uma sociedade entre a pianista Elenice Maranesi e a cantora e pianista Patrícia Tavares, abriu na semana passada, cursos de contrabaixo elétrico, flauta transversal e teclados. "Estes cursos, que se incorporam aos nossos já regulares, tiveram possibilidade de se concretizar, praticamente, em função das bolsas concedidas pela Fundação Cultural do DF", explica Patrícia Tavares, 20 anos. A Somus, escola já tradicional na cidade, acaba de dobrar o número de seus alunos. Antes das bolsas eles eram 30. O mesmo número que procurou a escola após a instituição delas.

Crescimento — O tecladista Renato Vasconcelos, 33 anos, que desde 1984 participa de quase todos os shows de Beto Guedes, acha que o violão é o instrumento mais popular e acessível para o brasileiro. Ele diz que a formação musical do povo brasileiro, tradicionalmente, se faz através de violão e das bandas de música.

No interior do País, o mestre da banda ensina trombone, saxofone, trompete, clarineta e flauta. Renato cita o escritor Vicente Sales: "As bandas de música são o conservatório do povo brasileiro", "ou eram, até pouco tempo", completa. O tecladista aponta um crescimento no número de escolas de música do governo e par-

ticulares não só em Brasília, mas em todo o Brasil.

"Há dez, 15 anos atrás, quem quisesse se aprofundar no jazz tinha que ir lá para fora. Hoje, a maioria das lojas possuem o material utilizado pelas escolas", situa Renato, dando como exemplo o Curso Internacional de Verão da Escola de Música de Brasília e o curso regular da EMB, ambos com um núcleo de Música Popular, com material de alto nível das maiores escolas de Jazz dos EUA — Berklee (Boston) e M.I. (Musician Institute — Califórnia).

Renato Vasconcelos está com o maior grupo de alunos particulares que já teve, dez. Há quase seis anos sem dar aulas particulares, o tecladista, no início deste ano, cedeu aos pedidos dos interessados por conta da "imposição da crise econômica". Renato nunca teve contato pessoal com os alunos que a mamãe quer que aprendam música.

Partitura — Centrada na linguagem jazzística, na improvisação, as aulas dadas pelo tecladista têm como clientela uma maioria de pessoas com formação musical. Muitas delas com a "tradicional formação daquela professora de piano". Ele procura desenvolver a intuição, o ouvido do aluno, mas acha extremamente importante mostrar a música no papel, na partitura. Lembra ainda que nos países desenvolvidos não existe o preconceito contra a alfabetização musical e que, no caso brasileiro, foi instalado por causa da falta de acesso que o povo tradicionalmente teve à leitura musical.

Especializado em Estrutura Jazzísticas, Renato ministrou dois cursos sob este título este ano na Somus, que também contou com a presença de outros expressivos músicos da cidade em cursos não regulares: Lula Galvão (guitarra), Adriano Faquini (canto), Jorge Elder (contrabaixo), Wilzy Carioca (fisiologia da voz) e Sílvia Davini (expressão vocal). Por duas vezes o tecladista esteve, também este ano, no Estado do Tocantins, onde daria o mesmo curso

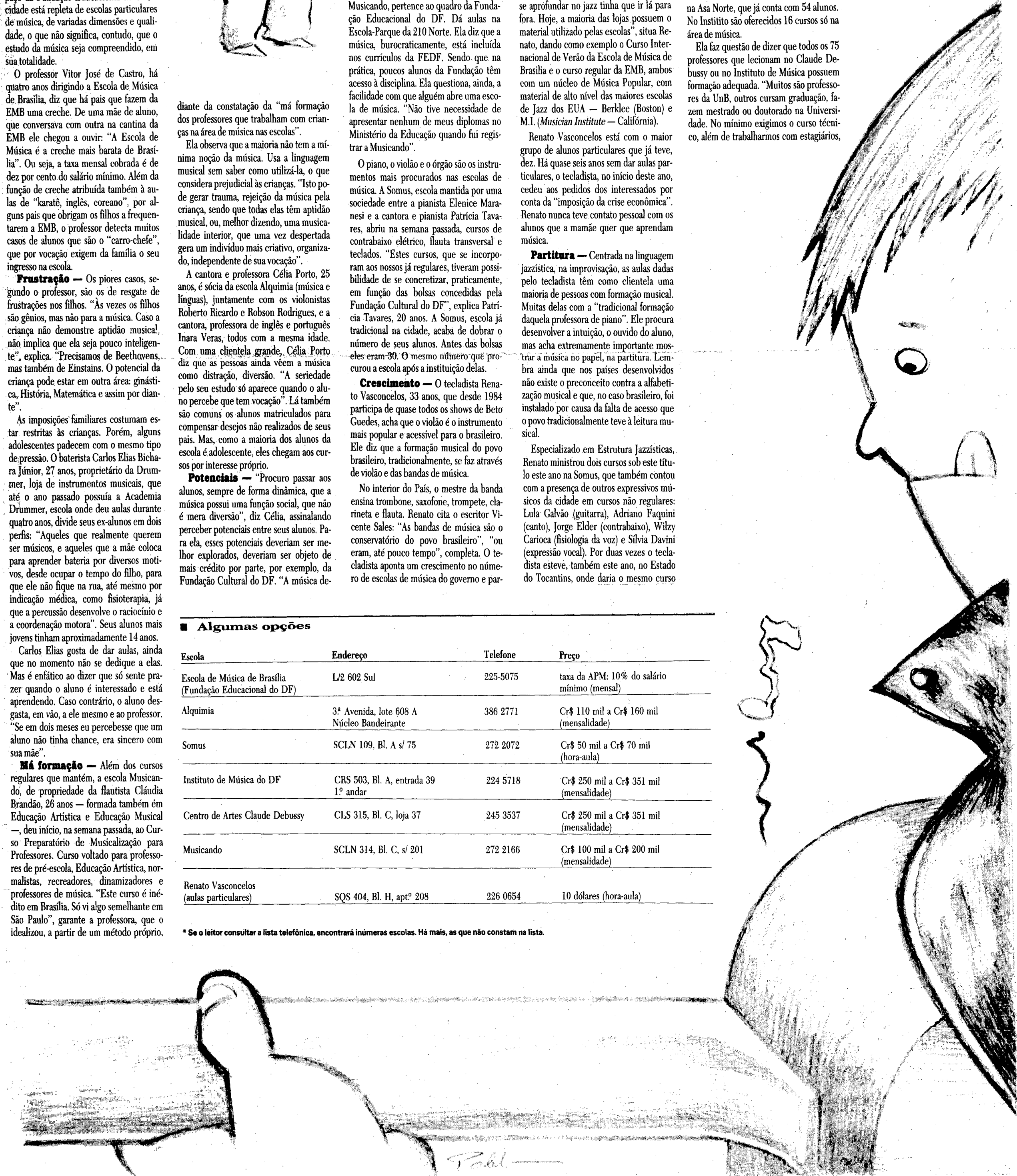
que teve espaço na Somus. Acabou ministrando musicalização — "minha primeira experiência com o Mobral musical" — para uma turma de 20 alunos que não tinham condições de se dedicar à especialização inicialmente proposta.

Crianças, adolescentes e adultos jovens formam a maior parte da clientela de quase todas as escolas de música. Mas, pessoas mais velhas, aposentadas ou não, também se matriculam vez por outra. Elas não têm a intenção de se profissionalizar, assim como nem todos os alunos que frequentam as escolas. São, sim, amantes da música. Gostam de estudá-la, aprender algum instrumento ou voltar a tocar o instrumento que tocaram na infância ou adolescência, abandonado no decorrer do tempo.

Valor — "Modéstia à parte, nossa escola é padrão", exclama Iolanda Lima, 58 anos, proprietária do Centro de Artes Claude Debussy e do Instituto de Música do DF — o primeiro com 13 anos de existência e o segundo com 20. "Temos mais de mil alunos nas duas escolas, sendo que há um mês abrimos uma filial do Instituto na Asa Norte, que já conta com 54 alunos. No Instituto são oferecidos 16 cursos só na área de música.

Ela faz questão de dizer que todos os 75 professores que lecionam no Claude Debussy ou no Instituto de Música possuem formação adequada. "Muitos são professores da UnB, outros cursam graduação, fazem mestrado ou doutorado na Universidade. No mínimo exigimos o curso técnico, além de trabalharmos com estagiários,

■ Mônica Silva da Silveira



■ Algumas opções

Escola	Endereço	Telefone	Preço
Escola de Música de Brasília (Fundação Educacional do DF)	L/2 602 Sul	225-5075	taxa da APM: 10% do salário mínimo (mensal)
Alquimia	3ª Avenida, lote 608 A Núcleo Bandeirante	386 2771	Cr\$ 110 mil a Cr\$ 160 mil (mensalidade)
Somus	SCLN 109, Bl. A s/ 75	272 2072	Cr\$ 50 mil a Cr\$ 70 mil (hora-aula)
Instituto de Música do DF	CRS 503, Bl. A, entrada 39 1º andar	224 5718	Cr\$ 250 mil a Cr\$ 351 mil (mensalidade)
Centro de Artes Claude Debussy	CLS 315, Bl. C, loja 37	245 3537	Cr\$ 250 mil a Cr\$ 351 mil (mensalidade)
Musicando	SCLN 314, Bl. C, s/ 201	272 2166	Cr\$ 100 mil a Cr\$ 200 mil (mensalidade)
Renato Vasconcelos (aulas particulares)	SQS 404, Bl. H, aptº 208	226 0654	10 dólares (hora-aula)

* Se o leitor consultar a lista telefônica, encontrará inúmeras escolas. Há mais, as que não constam na lista.